



Discurso da qualidade na educação e invisibilidade do professor

na revista *Veja*¹

Helena Corazza²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP

RESUMO

Este trabalho se propõe observar como se dá o discurso da Revista *Veja*, na Editoria Educação, sobre a imagem do professor. O universo pesquisado são matérias do segundo semestre de 2010 e primeiro de 2011, incluindo a reação dos professores pela Internet. O que se constata é um discurso sobre qualidade na educação, baseado em indicadores da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), colocando o Brasil entre os “piores”. O professor permanece invisível onde predominam os valores da produtividade, da eficiência e não da cidadania.

Palavras-chave

Educação; qualidade; desenvolvimento; sujeito; linguagem.

Considerações preliminares

O tema da Educação tem sido alvo de constantes reportagens em veículos de comunicação, nas mais diversas formas e abordagens. Este é um assunto vital não só tendo em vista o desenvolvimento econômico e tecnológico, mas para contribuir na formação de uma sociedade cidadã. A mídia, sem dúvida alguma, repercute e divulga questões que estão em pauta no cenário internacional e nacional, como se pode verificar nas frequentes matérias que a revista *Veja* publicou em sua seção “Educação”. A razão de escolher esta revista de circulação nacional e não revistas especializadas, está em verificar como a grande imprensa trata do assunto.

Este estudo pretende analisar e refletir sobre como aparece a imagem do professor, visível ou invisível, veiculada pela revista *Veja* em algumas matérias, que são

¹ . Trabalho apresentado no GT Comunicação e Educação, XI Encontro de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² . Licenciada em Letras, Bacharel em Comunicação Social; Mestre em Ciências da Comunicação e Doutoranda do Programa de Pós- Graduação da ECA/USP. Jornalista profissional. Endereço eletrônico: helenac@usp.br; helenac@paulinas.com.br.



ilustrativas e refletem um modo de encarar os fatos e favorecer determinado olhar sobre a educação e o professor. Como se dá a construção do discurso, compreendendo-o, conforme Nagamine (2009) como “o espaço em que saber e poder se unem, se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito que lhe é reconhecido socialmente”. A revista semanal, de circulação nacional, publicou sua primeira edição em 11 de setembro de 1968 e se autodenomina a “maior revista do Brasil”³ e pode ser classificada como a principal revista de assuntos gerais e atualidades da maior empresa editorial do gênero no Brasil, a editora Abril.

Idealizada por Roberto Civita, a publicação iniciou em plena ditadura militar, sofreu repressão no governo Geisel e enfrentou a censura no governo Figueiredo.

“Neste contexto, além da censura, as negociações entre revista e os governos militares se davam mediante negociações para a liberação de verbas para a editora Abril e de demissões de jornalistas indesejados pelo regime. *Veja* sobreviveu ao período militar utilizando-se de negociações conciliatórias e, com isso, firmou-se no mercado como o semanário de maior número de vendagem” (GAZOTTI, 2001, p.8) .

Em 1975, a publicação se libertou da censura, depois da saída de seu coordenador inicial, o jornalista Mino Carta, e com a mudança dos editores-chefes, a abertura democrática e a era da globalização, a revista que se considera de denúncia passou a priorizar furos de reportagem e notícias quentes (Baccega e Azevedo:2007).

Metodologia da pesquisa

Tendo como base publicações semanais, esta pesquisa prioriza o tema Educação, buscando identificar a imagem do professor que se constrói por meio da representação nos textos, nas fontes adotadas, fotos, nos enfoques das matérias publicadas pela revista *Veja*. Entende-se que nada no discurso jornalístico é isento de interpretações na abordagem do olhar adotado. O recorte são algumas edições do segundo semestre de 2010 e do primeiro semestre de 2011 (até maio). O olhar para a delimitação tem em vista assuntos tratados na seção “Educação” e que envolvem, de forma implícita ou explícita, a figura do (a) professor (a). Não foi preocupação analisar todas as matérias

³ . *Veja.com* – Revista Online - <http://veja.abril.com.br> – acesso 04 de junho de 2011.



publicadas na revista semanal, mas algumas que servem de amostragem para a análise do tema em pauta. Note-se também que o tema “Educação” não está presente em todas as edições.

Ao se tratar de Educação, pensa-se no profissional da área, objeto desta pesquisa, incluídos textos e fotos e como aparece a pessoa do (a) professor(a), na revista impressa, também disponível *on line*. A pesquisa analisa sete matérias, que possibilitam observar indicativos da linha editorial do veículo. Destas, cinco referem-se à qualidade de ensino e duas, à figura específica de professores, uma bem sucedida nos Estados Unidos e outra, de universidade brasileira. Os dados básicos das matérias analisadas estão na Tabela 1.

Esta pesquisa considera também, embora em menor escala, a fala do interlocutor, neste caso o professor, reagindo pela internet à matéria intitulada “Aula cronometrada”⁴, a partir de “Carta à Revista Veja”⁵, e mais de 20 comentários postados na internet, a partir da publicação da matéria. A inclusão da reação dos professores pela internet pretende ser um contraponto à ausência da palavra do professor nas matérias da revista, ou seja, a sua invisibilidade, seja por falta de consulta ou por não poder se manifestar. A internet por ser um canal mais livre acaba absorvendo manifestações dos educadores. Não foi possível observar o resultado e se houve diálogo entre a revista e os comentários, entretanto revelam, entre outros aspectos que há professores comprometidos com os valores da educação.

Diante do enfoque dado às matérias, sobretudo pelas referências utilizadas, a ausência explícita nos textos, da pessoa do professor, algumas indagações são feitas: o que se entende por qualidade na educação? Como ficam as relações entre as partes envolvidas no processo educacional: instituições, docentes, alunos? E como trabalhar para uma educação cidadã?

Há, sem dúvida alguma, um limite nesta pesquisa, tanto pelas matérias selecionadas quanto pela extensão, entretanto, os indicativos aqui selecionados revelam

⁴. Veja, Edição 2170 – 13 de junho de 2010 – Seção Educação - <http://veja.abril.com.br/230610/aula-cronometrada-p-122.shtml> - acesso 10/04/2011

⁵. Publicado a 22 Março 2011 por [Barbiecaliforniana](#) – acesso em 10/04/2011.



aspectos que consideramos importante serem analisados no processo educativo, em relação ao entendimento de qualidade, poder e envolvimento do professor.

Análise das matérias pesquisadas na Revista *Veja*: ensino básico e fundamental

Nas matérias publicadas por *Veja*, o enfoque predominante é voltado para a busca da qualidade do ensino, sempre comparando o Brasil com outros países, mostrando tabelas de pesquisas e parcerias em experiências aplicadas no Brasil. Quatro, das matérias examinadas, apoiam-se em pesquisas da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), “uma organização internacional e intergovernamental que agrupa os países mais industrializados da economia do mercado e tem sua sede em Paris, França. Na OCDE, os representantes dos países membros se reúnem para trocar informações e definir políticas com o objetivo de maximizar o crescimento econômico e o desenvolvimento dos países membros”⁶.

Segundo Campos, a OCDE divulgou os indicadores por meio do Programa Internacional de Alunos (Pisa) de 2006, que revela o desempenho dos alunos de duzentos países do mundo, no término da escolaridade básica, o que corresponde no Brasil aos concluintes do 5º. e 9º. ano em língua materna (Português), Matemática e Ciências, revelando o resultado do sistema de educação básica. Neste ano, o Brasil ficou classificado em 52º, quando em 2005 tinha ocupado o 40º. lugar. Pela pontuação que os alunos brasileiros obtiveram, em 2006, significa que o país não conseguiu passar do primeiro nível de aprendizagem, em nenhuma das três áreas (Campos, 2010:84-85). Talvez os dados dessa pesquisa que coloca o Brasil em situação de crescente declínio na

6 . Os objetivos da OCDE são: realizar a maior expansão possível da economia, do emprego e do progresso da qualidade de vida dos países membros, mantendo a estabilidade financeira e contribuindo assim com o desenvolvimento da economia mundial; contribuir com uma expansão econômica saudável nos países membros, assim como nos países não membros; favorecer a expansão do comércio mundial sobre uma base multilateral e não discriminatória, conforme as obrigações internacionais. <http://www.cgu.gov.br/ocde/sobre/informacoes/index.asp> - Acesso em 07/05/2011.

O centro da OCDE para a cooperação com países não membros desenvolve e supervisiona as orientações estratégicas das relações com os não membros. Em 16 de maio de 2007, o Conselho Ministerial da OCDE decidiu iniciar negociações de adesão com o Chile, Estônia, Israel, Rússia e Eslovênia. O Conselho Ministerial de 2007, também decidiu reforçar a cooperação da OCDE com o Brasil, China, Índia, Indonésia e África do Sul, através de um processo de maior envolvimento. <http://pt.wikipedia.org/wiki> - acesso 07/05/2011.



qualidade da educação tenha sido a referência da adoção dessa fonte para quatro matérias da *Veja*, objeto dessa análise.

Na matéria “Na turma dos piores”, tendo como fonte OCDE, o Brasil é comparado a países asiáticos em desenvolvimento como China, Singapura, Hong Kong, Coreia do Sul, Taiwan e o título da matéria “O ensino no Brasil entre os piores do mundo”, destaca a posição brasileira em 57ª posição, enquanto a China ocupa o primeiro lugar. Referindo-se ao Brasil, esta matéria é ilustrada por uma foto com professor dando aula em lousa (quadro negro), enquanto na foto da China, os alunos caminham felizes pelas ruas. A avaliação do Pisa, 2009, coloca o Brasil na 53ª. posição, destacando-o como o país que mais evoluiu na educação nesta década⁷.

Em matéria referente a decisões governamentais, como “O MEC quer fim da repetência”, a comparação é entre o “bom e o mau ensino” e as fontes de consulta são especialistas, sem especificar a área, além de um economista, que opinam. Nesta matéria, a foto em sala de aula, com crianças em suas mesas de estudo e cada uma com um livro, mas a advertência: “O Brasil registra uma das mais altas taxas de reprovação do mundo, em torno de 11%, número que ombreia com o dos africanos”. A expressão recorrente em matérias para falar da condição brasileira é “tal como ocorre em países de melhor ensino”, o que vai reforçando uma situação de desvantagem.

A matéria “Aula cronometrada” causa polêmica com os professores, relatando uma forma de avaliação do ensino no Brasil, já desenvolvido em outros países – “como ocorre em países de melhor ensino”, e agora, em diversos estados da federação, por técnicos “treinados pelo Banco Mundial”. A foto é de alunos em sala de aula, voltados para a lousa, com a ausência de professor, sobrepondo-se à foto um cronômetro. Esta matéria relata a avaliação numa escola municipal do Rio de Janeiro com a anuência da secretaria do Município. Parte do relato de Roberta de Abreu Lima revela o teor da avaliação:

“Munidos de cronômetros, os especialistas se plantam no fundo da sala não apenas para observar, mas também para registrar, sistematicamente, como o tempo de aula é despendido. Tais profissionais, em geral das próprias redes de ensino, já percorreram 400 escolas públicas no país, entre Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em

⁷. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16125 – acesso 14/06/2011



Minas, primeiro estado a adotar o método, em 2009, os cronômetros expuseram um fato espantoso: com aulas monótonas baseadas na velha lousa, um terço do tempo se esvai com a indisciplina e a desatenção dos alunos. Equivale a 56 dias inteiros perdidos num só ano letivo”.

Essa avaliação mostra-se bem apreciada por autoridades da Secretaria de Educação do município do Rio de Janeiro, conforme depoimento da secretária de educação, Claudia Costin: "Pode-se dizer que o cruzamento das avaliações oficiais com um panorama tão detalhado da sala de aula revelará nossas fragilidades como nunca antes". E a articulista conclui dizendo que, “neste sentido, os cronômetros são um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino”. Nesta matéria não se fala diretamente do professor, mas há uma avaliação sobre seu desempenho em sala de aula pelas autoridades, com a intenção de combater o “mau ensino”.

Temáticas citadas na revista também são de empreendedorismo, como é o caso de um professor caracterizado como *superman*. Aqui a matéria é contundente: “A caça ao mau professor nos Estados Unidos - ‘Geoffrey Canadá, o *superman*’”, documentário que revolucionou o sistema público americano e apontou o mau professor como o grande responsável pelo fracasso dos alunos. O projeto que está dando certo pela experiência de um professor-ator, um *superman*, por isso, foi adotado em mais 20 escolas americanas por Barack Obama.

Experiências bem sucedidas são encontradas na matéria *O sucesso de duas escolas públicas no Rio*, intitulada: “Trincheiras de bom ensino”, em duas escolas públicas de ensino municipal, a Escola Paula Fonseca, localizada numa favela da zona Norte, e a Pablo Neruda, no bairro Taquara da zona Oeste. Em ambas, as diretoras estão no cargo de direção há 26 e 23 anos, respectivamente. O ambiente em que estão situadas é a zona do crime: “fincadas em áreas dominadas por criminosos, as duas escolas municipais do Rio de Janeiro têm média superior à nacional, segundo último Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) do MEC”. Com referências na OCDE conduzido em setenta países, incluindo o Brasil, deixa claro que forjar um clima favorável ao ensino é um dos principais fatores para elevar a qualidade acadêmica. Note-se aqui o vocabulário utilizado pela revista “trincheiras”, encontra-se num campo semântico de guerra (abrigo, local onde se trava uma batalha). Quem são os sujeitos? Inimigos? A mesma lógica é utilizada no próximo: “o exemplo do vizinho”, porque há



uma fronteira. Nessa matéria destaca-se como mérito de êxito o envolvimento da direção e a proximidade com os alunos, citando, como exemplo, novamente, de país desenvolvido, o Chile.

A reportagem “O exemplo do vizinho” cita o Chile, um país em desenvolvimento, como bem sucedido, onde uma diretora com Mestrado e MBA em gestão escolar recebe bônus no salário pelo seu desempenho, alunos passam oito horas na escola e estudam com prazer. Ali também a empresa Yahoo busca cérebros. A comparação do Brasil com a supremacia do Chile é mostrada em quadro de destaque: “O salto da década”.

Tabela 1 - Visão geral do enfoque das revistas VEJA – Editoria Educação

Edição e data	Título	Local, temática, fontes, fotos
Veja – Ed. 2170 -13/06/2010 (2 páginas)	Aula cronometrada (Roberta de Abreu Lima)	Local: escola municipal do Rio Temática: pesquisa tendo em vista a qualidade do ensino, já feita em outros estados do Brasil. Foto: crianças em carteiras enfileiradas, viradas para o quadro verde e cronômetro – ausência do professor. Fontes: OCDE Internet: http://www.cpp.org.br/siscon/print.php?2011/01/13/resposta-revista-veja-aula-cronometrada.phtml - acesso 10/04/2011
Veja – Ed. 2195 -15/12/2010 (2 páginas)	Na turma dos piores (Malu Gaspar)	Local: não identificado Temática: avaliação realizada pela (OCDE) em vista da qualidade do ensino nos países em desenvolvimento. Foto 1: sala de aula com quadro negro e professor voltado aos alunos, ensino médio, em carteiras enfileiradas. (Brasil) Foto 2 - alunos orientais caminhando em grupo. Fonte: OCDE
Veja – Ed. 2203 09/02/2011 (1 página)	O fim da repetência (Roberta de Abreu Lima)	Local: rede municipal do Rio de Janeiro Temática: diretrizes do MEC (Ministério da Educação e Cultura) para o fim da repetência no ensino fundamental. Qualidade de professores. Foto: professora na lousa voltada para os alunos sentados em mesinhas. Fontes: MEC, especialistas, economistas.
Veja – Ed. 2206 02/03/2011 (3 páginas)	Plágio na era digital (Roberta de Abreu Lima)	Local: USP – São Paulo Temática: punição por plágio de trabalho científico de doutor em bioquímica USP, Andreimar Soares. Foto: professor no laboratório e de especialista Fontes: reitor da USP e ex-reitora
Veja - Ed. 2207 03/03/2011	Geoffrey, o superman (André Petry, de N. York)	Local: Estados Unidos Temática: documentário estrelado pelo educador Geoffrey Canadá, que revoluciona o sistema público americano, “Waiting for superman”, responsabiliza o professor pelo



(4 páginas)		fracasso do aluno - projeto com crianças por quarteirão. Foto: o professor bem sucedido, alunos em mesinhas, sala de aula, ativos; menina alegre estudando, gráficos. Fontes: relato da vida e trajetória do professor/ator; dados de investimentos.
Veja - Ed. 2211 06/04/2011 (2 páginas)	Trincheiras de bom ensino (Roberta de Abreu Lima)	Local: escolas municipais do Rio de Janeiro Temática: duas escolas de periferia, bem sucedidas, com destaque ao envolvimento da direção das mesmas. Escola Paula Fonseca (favela Jorge Turco, Zona Norte) e Pablo Neruda (bairro Taquara, Zona Oeste). Foto 1 - Paula Fonseca: crianças ao ar livre, mochilas às costas, com a diretora. Foto 2 – Pablo Neruda: crianças em suas carteiras estudando. Fontes: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), OCDE.
Veja – Ed. 2215 04/05/2011 (5 páginas)	O exemplo do vizinho (Malu Gaspar, de Santiago)	Local: escola pública Ciudad de Frankfort, Santiago (Chile) Temática: exemplo bem sucedido de uma escola pública de periferia, onde as crianças ficam oito horas na escola, ressaltando a figura e competência da diretora e a implantação do sistema de qualidade e avaliação, as políticas de recompensa (bônus para os professores por desempenho). Comparação do Chile com o Brasil, que fica atrás nos índices de avaliação. Foto 1 – alunos em jogos e lazer – presença do professor Foto 2 – a diretora sentada Foto 3 – alunos estudando em mesas Foto 4 - engenheiro de TI 5 – aluno ao lado da bateria Fontes: OCDE; Ministério do Planejamento do Chile e Pnad/IBGE.

Voz e visão dos professores pela internet

A matéria da revista *Veja* “Aulas cronometradas”, assim trata a postura dos professores e associações de classe que se posicionaram: “Numa manifestação de flagrante corporativismo, os professores brasileiros chegaram a se insurgir contra a presença dos avaliadores dentro da sala de aula. Em Pernambuco, o sindicato rotulou a prática de ‘patrulhamento’ e ‘repressão’. Note-se que os professores preferem passar ao largo daquilo que a experiência – e agora as pesquisas – prova ser crucial: conhecer a fundo a sala de aula”.

Em reação a esta matéria, as manifestações dos professores foram marcantes. Carta de uma professora do Paraná e reações de mais de 20 professores pela internet dizem que, em vez de cronômetros, outros aspectos precisam ser considerados, que



revelam a complexidade da educação. Se de um lado, o emissor é, neste caso, a revista *Veja*, de outro o interlocutor que buscou espaço para se manifestar evoca o sujeito social que constrói significado e ação social. Conforme Touraine,

“o ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que modifica o meio ambiente material e sobretudo social no qual está colocado, modificando a visão do trabalho, as formas de decisões, as relações de dominação ou as orientações culturais” (Touraine, 1994, p.220).

Nesse sentido, apenas classificando, os comentários dos professores podem ser agrupados em algumas categorias como: alunos, família, sociedade, a pessoa do professor enquanto ser humano, profissional e educador.

Em relação ao alunos, uma professora diz que não há necessidade de cronômetros, nem de especialistas para diagnosticar as falhas da educação. Há necessidade de todos os que pensam que: “os professores é que são incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital” entrem numa sala de aula e observem a realidade brasileira. Que alunos são esses “repletos de estímulos” que, muitas vezes, não têm o que comer em suas casas quanto mais inseridos na era digital?”

No que diz respeito à família, diz que “pais de famílias oriundas da pobreza trabalham tanto que não têm como acompanhar os filhos em suas atividades escolares, e pior em orientá-los para a vida. Isso sem falar nas famílias impregnadas pelas drogas e destruídas pela ignorância e violência, causas essas que infelizmente são trazidas para dentro da maioria das escolas brasileiras”. Quanto a sociedade os problemas deverão ser resolvidos pela sociedade e não somente pela escola, conforme este depoimento: o que está faltando na sociedade é a existência de família e a imposição de limites às crianças, desde pequenas, para que o professor exerça a função de ensinar e não de educação de filhos de estranhos...”.

No que diz respeito ao professor, reage dizendo que “hoje, professores ‘incapazes’ dão aulas na lousa, levam filmes, trabalham com tecnologia, trazem livros de literatura juvenil para leitura em sala de aula (o que às vezes resulta em uma revolução), levam alunos à biblioteca e a outros locais educativos e, em algumas escolas públicas onde a renda dos pais comporta, até a passeios interessantes, planejados minuciosamente. (...) Além disso, esses mesmos professores ‘incapazes’ elaboram



atividades escolares como provas, planejamentos, correções nos fins-de-semana, tudo sem remuneração. Todos os profissionais têm direito a um intervalo, que não é cronometrado, quando estão cansados”.

“Em vez de cronômetros, precisamos de carteiras escolares, livros, materiais, quadras-esportivas cobertas (um luxo para a grande maioria de nossas escolas), e de lousas, sim, em melhores condições e em maior quantidade”.

Este olhar mais abrangente da pessoa do professor enquanto profissional, as horas de trabalho em classe e extraclasse, como corrigir provas em casa e em finais de semana, intervalos curtos, nem sempre suficientes para refazer as energias traz questionamentos para a revisão, neste sentido. As perguntas sobre qual a função do professor, uma vez que em questões da família os pais são muito ausentes, não escutam os filhos e delegam à escola a educação são também levantadas pelos professores.

Por outro lado, como se porta o aluno que dedica o tempo dele às mídias sociais, mais do que em estudar? Onde ficam valores da educação e a autoestima do professor? Os professores levantam também a questão das Políticas governamentais, como no caso da não reprovação. E, por fim, a formação continuada do professor.

Eixos temáticos a partir das matérias da revista *Veja*

Das matérias selecionadas nesta pesquisa, procuramos articular alguns eixos e percebemos que eles se atravessam. As fontes adotadas internacionalmente para avaliar a qualidade do ensino envolvem mudanças culturais tanto externas à escola quanto nas metodologias de ensino em relação ao professor.

A questão institucional, entendendo-se parcerias e fontes nacionais e internacionais que órgãos como Secretarias de Educação adotam e o próprio ambiente escolar que deles depende, em grande parte, da direção, professores e alunos é uma questão a ser analisada. Por sua vez, para se pensar a qualidade e o desenvolvimento, não há como prescindir da qualificação do docente e de sua formação continuada, adequando seu conhecimento às mudanças culturais. Não há como pensar qualidade, sem investimento no ser humano.

Como as matérias da revista *Veja* se baseiam em indicadores internacionais de qualidade obtidos na avaliação de alunos, constata-se, nos textos, a ausência contínua da voz dos professores. Mas nas imagens que as ilustram são eloquentes, apresentando-os,



de modo geral, em situação tradicional de escola. São mostradas diretoras, em experiências bem sucedidas, como é o caso do Chile e das duas escolas municipais do Rio de Janeiro, e também lhes é dada a palavra.

É preciso considerar que as mudanças culturais são grandes e se fazem sentir em sala de aula, tanto nos métodos quanto nos recursos e, sobretudo, na mudança de sensibilidade que os alunos vão adquirindo no contato com as novas tecnologias. Esse desafio à educação é uma realidade que está acontecendo uma vez que a educação se dá fora dos muros da escola, pelas mídias, o que foi preconizado por Walter Benjamin, antecipando o que McLuhan disse mais tarde, diante da sociedade influenciada pela eletrônica, “a sala de aula sem paredes” (McLuhan, 1990, p. 147). Pode ser reflexo dessas mudanças a busca do “professor-ator” numa sociedade que valoriza o que vê, sobretudo na televisão, como o sucesso no jogador de futebol, na atriz, pessoas com certo desempenho. Conforme, Konchen, valoriza-se aquele que obteve ascensão social, e o professor é considerado um fracassado em termos de dinheiro e fama. “Antigamente, o professor era exemplo a ser seguido e o responsável por lições inesquecíveis que se recebiam nos primeiros anos de vida” (Kochen: 2011).

O conceito neoliberal de qualidade na educação

Quatro matérias da revista *Veja* relatam como fonte de avaliação os indicadores que avaliam os países desenvolvidos pela OCDE, “uma organização internacional e intergovernamental que agrupa os países mais industrializados da economia do mercado”. As Secretarias de Educação dos municípios estão avaliando seus indicadores de qualidade com profissionais treinados pelo Banco Mundial para verificar a educação. Nessa ótica, uma constante comparação do Brasil com outros países “mais desenvolvidos” como Estados Unidos, Chile, e agora os asiáticos!

Transparece uma visão neoliberal de movimentos internacionais, que, em nome da reforma da escola, apoiam-se em organismos como a (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização do Comércio (OMC), por meio dos quais acontece a mercantilização da educação, descrita por Laval. Nesta visão, a escola perde estabilidade e autonomia relativa e vê o seu objetivo com a expansão pessoal ser substituído pelo da inserção profissional em meio a



essa valorização exacerbada do econômico, em detrimento dos demais valores. "Na nova ordem educativa que se delineia, o sistema educativo está a serviço da competitividade econômica, está estruturado como um mercado, deve ser gerido ao modo das empresas" (Laval, 2004, p.20).

A matéria "Aulas cronometradas", adotando câmeras de vigilância, revela um sistema funcionalista de avaliação. Ao se tratar o tema da qualidade e da eficácia, salta à vista e no texto a questão da avaliação e desempenho e o porquê subjacente à frase "as aulas não funcionam". O método descrito na matéria "Aula cronometrada" é quantitativo e funcionalista, com ausência de indicadores humanitários como "ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e ensinar a se tornar um cidadão", conforme Edgar Morin (2000, p. 65).

Na mesma matéria, a visão funcionalista se acentua ao falar do uso do tempo e do que é importante ou irrelevante. O relato que "das visitas que fez a escolas nos Estados Unidos, o pedagogo Doug Lemov depreendeu algo que a breve experiência brasileira já sinaliza: 'Os professores perdem tempo demais com assuntos irrelevantes e se revelam incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital'".

Linguagem e poder simbólico

Pierre Bourdieu caracteriza os meios de comunicação como instrumentos simbólicos que criam significados, sendo "o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo" (Bourdieu, 1989, p. 14). Contata-se nas matérias da revista *Veja* uma repetição constante a respeito da 57ª. posição do Brasil, segundo avaliação de OCDE, em relação aos mais avançados, em títulos como "Na turma dos piores"; comparações com outros: "países de melhor ensino". A constante afirmação: melhor – pior, bom – ruim constitui-se uma repetição que só tem a reforçar a baixa autoestima já existente, fazendo crer que somos mesmo os piores em área de educação pública. E poderíamos nos apropriar novamente de Bourdieu quando afirma que "estigmatizar alguém é uma violência simbólica".

A mesma lógica da linguagem é utilizada para trabalhar a qualidade em relação aos professores. A qualidade na educação identifica-se com produtividade pela seleção



dos professores e a um plano de metas e prêmios, como é o caso da matéria que se refere ao exemplo do Chile, que tem o aluno o tempo integral na escola. “O quadro de professores foi alvo de uma *faxina* por meio da qual 70% saíram, e a escola passou a ser regida por ambiciosas metas e prêmios atrelados ao desempenho da equipe” (Veja 2215:128). Observe-se que o termo *faxina* (o grifo é nosso), remete à limpeza e eliminação e não é adequada ao tratamento com pessoas. É uma “lógica perversa” com olhar fortemente mercadológico com vistas à produtividade na educação, bem como o é na adoção de novas tecnologias, que Citelli aplica à modernização da escola, cedendo a apelos de grupos de pressão e da Indústria (Citelli e Costa, 2011, p. 69).

A vigilância para garantir qualidade

Da vigilância que fazia parte dos compromissos do professor em relação ao aluno, agora adotam-se como forma de avaliação câmeras de vigilância, conforme já relatado em matéria da revista Veja: “Os americanos chegam a filmar suas aulas (...) os cronômetros são um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino”.

Diante dessa postura de órgãos responsáveis pela Educação de olhar de fora para dentro, vale lembrar as orientações de Adorno em relação ao conceito de educação e da verdadeira consciência: “A seguir e assumido o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de *educação*. Evidentemente não a assim chamada moldagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*” (Adorno, 2006, p. 141).

Hoje a regulação da vida acontece pelas câmeras de vigilância. Da rua para os prédios e agora para as salas de aula. Ao considerar a centralidade da cultura e as transformações da vida local e cotidiana, Hall diz, textualmente:

“Essa devassa interior é acompanhada de instrumentos de vigilância (das câmeras e monitores, às pesquisas de consumo e os cartões de crédito) capazes de manter sob controle os movimentos e preferências de toda uma população (sem que tome conhecimento). Em meio a toda conversa sobre “desregulamentação”, tem ocorrido uma sofisticação e intensificação dos meios de regulação e vigilância: o que alguns têm denominado “o governo pela cultura”. Nestes diferentes exemplos reconhecemos que a “cultura” “não é uma opção *soft*. Não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem



de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior” (Hall, 1997, p. 6).

Ambiente das escolas

Aspectos como o cenário e descrição do local das escolas escolhidas para as reportagens, além da linguagem adotada, são fatores a serem considerados. Em se tratando de escolas públicas, o ambiente onde se situam as escolas no Brasil, objeto de artigos na revista *Veja*, é o das periferias, locais desafiadores, onde o crime está muito próximo da escola, assim como faz parte do cotidiano dos alunos.

No caso das duas escolas bem sucedidas do Rio de Janeiro, as fotos mostram alunos ao ar livre com a diretora; em outras, alunos em sua mesa na sala de aula, professora no quadro negro/verde ou branco, murais com informações, professor em algumas matérias voltado para os alunos; em outras, ausente. Um contraponto, o exemplo do Chile, também escola de periferia, mostra os alunos em suas mesas de estudo, momento de lazer com jogos, quadras, a bateria, num ambiente que favorece o estudo e é prazeroso.

Considerações finais

Ao buscar o tema da Educação numa revista semanal como a *Veja*, de circulação nacional, o que salta à vista é o conceito de qualidade na educação, baseado em indicadores econômicos e, praticamente, “ditados” pelos países ricos. As matérias não poupam palavras para repisar o último lugar do Brasil “entre os piores do mundo”, ficando claro que é preciso mudar para subir na posição.

Entretanto, não há indicação das partes envolvidas no processo, ou seja, os professores são invisíveis; o que se sabe deles é só pelas reações informais na internet, pelo sindicato da classe. O docente que está no dia a dia da sala de aula não é ouvido, deixando-se entrever a invisibilidade, em nome de indicadores e parâmetros econômicos, em desfavor do cultivo de valores.

E num contexto de mudança cultural e problemas sociais que se agravam e refletem no sujeito da educação, o aluno, o desafio é pensá-la como educação cidadã, tendo em conta e o diálogo com a família, o ambiente, a formação dos profissionais da educação e a direção da escola. Aliar o desenvolvimento cultural e econômico em vista



de melhores condições, no ecossistema educacional e social. Uma educação que tenha em vista o ecossistema escolar e da sociedade onde está inserida.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BACCEGA, M. A. e AZEVEDO, A. F. de. *O discurso hegemônico de Veja e a construção da imagem do pobre*. In: Comunicação & Educação. São Paulo: USP-ECA-CCA-Paulinas, Ano XII. N. 1. jan/abr 2007, pp. 97-103.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil SA, 1989.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicam, 2009, 4ª. Ed.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Gestão escolar e docência**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CITELLI, A. O. e COSTA, M. C. C. (Orgs.). **Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GAZZOTTI, J. *A revista Veja e o obstáculo da censura*. In: Revista Olhar. Ano 03. N. 5-6. Jan-Dez/2001, pp. 1-9 – Acesso 04/06/2011.

HALL, S. “The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time”. In: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997 (Cap. 5).

LAVAL, C. **A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Editora Planta, 2004.

MCLUHAN, M. “Visão, som e fúria”. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 4a. ed.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensando a reforma – reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

KOCHEN, S. “Problemas Brasileiros”. Educação. Revista do SESC, N. 405 – Maio/Junho 2011.

TOURAINE, A. **Crítica à modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.